

MACUNAÍMA, IMPERADOR DA MATA VIRGEM

Donaldo Schüler

RESUMO: *Des scènes paradisiaques apparaissent fréquemment soit dans la littérature érudite soit dans la littérature populaire. Macunaíma, héros du roman de même nom, agit comme un banni du paradis, présentant un caractère qui réuni le bien et le mal. Loin du bien de ses rêves, il cherche œdipiennement chez les femmes la mère perdue. La quête du paradis se mélange avec le messianisme, profondément enraciné dans la culture brésilienne.*

PALAVRAS-CHAVE: *eldorado, romantismo, modernismo, herói, poder, Édipo.*

VISÕES DO PARAÍSO

Cenas paradisíacas freqüentam com assiduidade a narrativa popular. Elegendo o princípio, instalam-se antes da ação, lá onde também vamos buscá-las na ânsia de lazer, quando cansados da luta pela sobrevivência. Associamos o paraíso com uma cabana campestre ou com as águas amenas da orla marítima. Ambientes pacificamente bucólicos costumam abrir as histórias que a tradição milenar preservou, situando no tempo e no espaço as personagens que atuarão depois (PROPP, 1972).

Numerosas narrativas cultas mantêm o procedimento da literatura anônima. Antológica tornou-se a abertura do *Iracema* de Alencar:

Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que o seu talhe de palmeira. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé gracil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas (ALENCAR, 1965).

Donaldo Schüler é professor no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Comparada com plantas e animais, a heroína preserva-se irmanada com a natureza, aquém da cultura. A completa integração no meio elimina tudo o que poderia molestar-lhe a pele tenra. Não se mencionam insetos, espinhos nem serpentes. A virgindade completa a informação da intocada pureza original.

A visão do paraíso resistiu à crítica acerba do romance machadiano. Vemo-la no convívio infantil de Capitu e Bentinho nos capítulos iniciais do *Dom Casmurro*. Simões Lopes Neto, já neste século, ao reelaborar a lenda do *Negrinho do pastoreio* projeta para um passado mítico seus anelos de paz:

Naqueles tempos os campos ainda eram abertos, não havia entre eles nem divisas nem cercas; somente nas volteadas se apanhava a gadaria xucra e os veados e as avestruzes corriam sem empecilhos... (LOPES NETO, 1949).

Ecoam nas palavras saudosas do contista lembranças da idade de ouro, como descrita por Ovídio nas *Metamorfoses*.

O precursor de Guimarães Rosa reserva a infração para o segundo parágrafo, mantendo clara a divisão entre bem e mal, a pureza e o que aconteceu depois:

Era uma vez um estancieiro, que tinha uma ponta de surrões cheios de onças e de meias-doblas e mais muita prataria, porém era muito caufla, e muito mau, muito.

O mal se restringe a duas personagens destoantes, o estancieiro e seu filho. O conto narra o triunfo sobre presenças demoníacas para restaurar a ordem primitiva, momentaneamente molestada.

As fronteiras entre o bem e o mal já não se mantêm, por exemplo, na ficção de Lima Barreto e Oswald de Andrade. Embora comecem com cenas de paz — o segundo refere literalmente o jardim no princípio de *Memórias sentimentais de João Miramar* — a situação inicial se mostra irremediavelmente contaminada. Qual é a vigência do paraíso no *Macunaíma*? (ANDRADE, 1965). Examinemos o primeiro parágrafo:

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma...

Não errou quem percebeu ressonância alencarina na abertura de *Macunaíma* (PROENÇA, 1955). Não se omitam, entretanto, as diferenças. A pele do índio é de “preto retinto”, é filho do “medo da noite” e feio é seu aspecto. Os sinais negativos se acumulam. Embora se tenha visto uma tribo indígena de pele escura na confluência dos rios Tapajós e Arinos, não é dela que se há de derivar o “preto retinto” de Macunaíma. O “preto retinto” veio da África, trazido nos porões infectos dos navios pelos mercadores de escravos. Estes, submetidos a trabalhos forçados nas plantações litorâneas, em repetidas revoltas buscaram abrigo na floresta contra o açoite dos

feitores. Protegidos pela fortaleza natural da selva, negros e índios, a espaços, se encontraram, se acoplaram e marginalizados se reproduziram (FREITAS, 1977). Que outra origem poderia ter o “preto retinto”? Conhecida é a mãe de Macunaíma. E quem é o pai? Diz-se que o herói é “filho do medo da noite” e só. O medo nos leva a supor incursões de negros anônimos, vítimas de violência e violentadores, propagando no interior a sucessão da violência. Macunaíma é um desprezível filho da mãe como milhares de outros disseminados a esmo pelos conquistadores. Não podendo orgulhar-se da mãe, Macunaíma a agride sempre. Ainda pequenino, urina sobre ela, misto de agressão, desprezo e posse erótica. Sendo filho da mãe, comporta-se como tal. Desde pequeno, molesta sexualmente todas as mulheres que se aproximam dele, indiferente ao grau de parentesco. Vê em todas elas a imagem da mãe ultrajada. Contaminado da sede de ouro, herdada dos agressores, no desejo de se identificar com eles, corre atrás do tilintar das moedas, que os caracterizam. Não admira que o narrador o qualifique de feio, adjetivo que acolhe conotações físicas e morais na linguagem popular. Macunaíma não lembra em nada a paradisíaca aparição de Iracema. Resta-nos a deplorável imagem do eldorado profanado pela conquista. Devemos associar o grande silêncio do Uraricoera à calma que precede a ação épica ou será uma antecipação do silêncio final, depois da extinção completa da tribo, em que Macunaíma, co-responsável da desgraça, se arrasta abandonado, defunto sem choro? A segunda hipótese conta com forte apoio textual. Se o silêncio inicial for, não obstante, tomado como antecipador da vida, será sempre, desde o princípio, vida contaminada pela morte.

O CARÁTER

A determinação do caráter nacional requereu espaço na reflexão dos teóricos brasileiros com resultados duvidosos (LEITE, 1977). Uns quiseram derivá-lo do pendor pela vida livre nas populações indígenas, outros o situaram no cultivo do espírito contra a cultura material. Surgiram as teorias da cordialidade, da improvisação, da malandragem. Algumas delas procuram compensar o nosso atraso científico, técnico e econômico com qualidades humanas, de maior excelência. Estudos menos comprometidos revelam que os povos resistem a caracterizações. Exigências históricas explicam melhor o comportamento coletivo do que improváveis tendências ingênicas.

E o que dizer da ausência de caráter, contribuição de Mário de Andrade ao debate em nota aposta ao título? O autor espera que sintamos ante o herói de nossa gente algo assim como a irritação de Érico Veríssimo, desafiado pela indeterminação da Cidade do México, que, na opinião dele não se deixa classificar e repele todos os adjetivos, simultaneamente

moderna e antiga, encantadora e sinistra, bela e feia? (VERÍSSIMO, 1972). Érico amplia a convergência de contrastes a todas as capitais da América Latina. Se devemos entender Macunaíma como amálgama de caracteres excludentes, atentos a Érico, não podemos recusar o título de herói continental.

Examinemos o problema com mais atenção. Pelas observações de Câmara Cascudo, Macunaíma (sem acentuar o *i*, invenção de Mário) é divindade criadora para várias tribos da Amazônia. Os macuxis veneravam Macunaíma como espírito bom, criador da terra e das plantas, dos animais e do homem (CASCUDO, s.d.). Quando o espírito mau contaminou o mundo, Macunaíma respondeu com o dilúvio. Estes atributos autorizaram os missionários a traduzir Deus por Macunaíma na versão caraíba da Bíblia.

Koch-Gruenberg, uma das fontes importantes das lendas reelaboradas na rapsódia de Mário, deriva Macunaíma de *Maku* (mau) e do sufixo *ima* (grande), com o significado de Grande Mau ou Grande Malvado (CAMPOS, 1973). Estas acepções opostas se explicam pela presença do mesmo nome em culturas diversas. Cruzamentos de umas com outras já se realizaram na origem. O romancista aproveita a indefinição do nome para concentrar na mesma personagem o bem e o mal, o divino e o humano. Os atos mágicos, abundante e portentosamente repetidos, afirmam o caráter divino, as fraquezas mostram a divindade em avançado processo de humana degradação. A decadência e a morte de Macunaíma proclamam também a extinção das culturas que lhe deram origem.

Não está longe dos propósitos de Mário ultrapassar com Macunaíma os limites do Brasil. A ampliação encontra apoio no fato de Macunaíma não ser cultuado exclusivamente por tribos brasileiras. Fiel às origens, Macunaíma troca, ao retornar a São Paulo, a consciência perdida por uma consciência latino-americana. Sem forte apego ao Continente, o herói não resiste aos apelos da cultura européia. Híbrido em tudo, transitam por ele, várias tendências: virtude e vício, nobreza e vilania, força e fraqueza, solidariedade e violência, conquista e resistência, o autóctone e o alienígena, o passado e o presente. São Paulo, assento de imigrantes, convergência de todas as regiões do país, refúgio de heróis e aventureiros, gera Macunaíma. A aproximação de caracteres múltiplos e contraditórios permite-lhe a elaboração de uma imagem multifacetada.

A LUTA PELO PODER

Tanto na literatura erudita como na popular, qualidades excepcionais, demonstradas na vitória sobre o inimigo, alçam o herói à posição de mando. A proteção que o grupo espera do chefe justifica esse comportamento. Os feitos no campo de batalha levam Aquiles a afrontar a autoridade de Agamênon, o chefe. Ulisses, ao retornar de Tróia para ocupar

o trono que legitimamente lhe pertence, tem que aniquilar primeiro seus rivais, que disputam o favor da rainha (BEYE, 1968). No conto popular russo, heróis, como prêmio de vitória, recebem a filha do tzar em casamento, o que lhes abre o caminho do poder. (PROPP, *op. cit.*).

Os etnólogos não encontram nas sociedades indígenas da América nobreza hereditária (PROENÇA, *op. cit.*). A vitória sobre os adversários aponta o chefe e a eminência deste não se transmite naturalmente aos descendentes. Vacante o lugar do chefe, o grupo confere o poder a quem por atos o merece.

Em luta pela posição de mando encontram-se, no início do romance, os três filhos da Índia tapanhumas: Maanape, Jiguê e Macunaíma. Sendo a força o critério de seleção, o poder deverá pertencer a Jiguê, no pleno desenvolvimento viril e não a Maanape, já debilitado pela idade. É Jiguê que Macunaíma, o mais moço, deveria remover do caminho para alcançar o poder.

Quais são as qualidades que deverá reunir o chefe de uma tribo indígena, aviltada e ameaçada pela civilização branca? Não é o trabalho braçal. O conquistador usou, desde o princípio, a força dos indígenas para ampliar e perpetuar o domínio. O operoso Jiguê, seriamente voltado ao trabalho, é reiteradamente declarado bobo pelo narrador. Macunaíma contesta o trabalho com a preguiça. Faz da preguiça — milenariamente cultivada pelos silvícolas para refletir e gozar das delícias que a natureza tropical generosamente oferece — arma contra a dominação. Valendo-se dela, ataca em primeiro lugar o irmão industrial. Aproveita as longas horas de repouso na rede para arquitetar planos solertes. A inteligência precisa de ócio para se desenvolver.

Sofará, a companheira de Jiguê, é o primeiro bem de que Macunaíma arditosamente se apropria. Na horda primitiva, o poder do chefe se evidencia na posse das mulheres (FREUD, s.d.). Macunaíma, tendo-o devorado psiquicamente, imita-o na prepotência. Preso ao modelo, sabe que, adonando-se das mulheres, arrebatará as homenagens do chefe. Sem a força do pai idealizado e ausente, recorre ociosamente a ardis. Explora a ausência do irmão, afastado pelo trabalho, para enganá-lo. A sós, no mato com Sofará recorre a ardis para usufruir por algumas horas dos poderes da idade viril. Macunaíma une a preguiça à magia, maneira ociosa de trabalhar, visto que põe as forças da natureza a serviço de quem sabe dominá-las.

Jiguê, ao saber que a companheira perdera um dia de trabalho, sem indagar os motivos, submete-a a castigo físico. A força bruta de Jiguê contrasta, em resultado, com a inteligência de Macunaíma. No dia seguinte, Sofará volta a atender as solicitações vadias do cunhado. Nesse segundo encontro, Macunaíma e Sofará fazem do sexo um ato da natureza. Com miados, do alto das árvores, o casal não se distingue dos felinos. O brinquedo amoroso do herói e da cunhada, em que esguicha sangue e partes do corpo são devoradas, recupera outra cena, reprimida e esquecida, em que

o Macunaíma da lenda mostra familiaridade com as onças. A mãe de Macunaíma, no texto reprimido e lembrado, morre, devorada por um jaguar, ao se refugiar na casa da sapa, mãe das onças e o herói perde uma perna na luta com Pia (Jiguê). Esta cena antiga levanta-se com a consistência do sonho, na indistinção entre a criança e o adulto, entre o homem e o animal. Ao se abraçarem, Macunaíma e Sofará tocam nas origens. Preservam no contato genital a fase em que a oralidade se mostra eroticamente investida. Erotismo oral e crueldade confluem. O canibalismo amoroso evoca a crueldade. Macunaíma, também no brinqueado amoroso, imita esquecido comportamento paterno.

Macunaíma triunfa erótica e politicamente, uma vez que, apossando-se de Sofará, arranca de Jiguê as insígnias de chefe. O irmão reage. Reafirma-se no poder castigando a insolência do irmão com uma surra exemplar. Macunaíma se recupera dos maus tratos, socorrido pela medicina indígena. Os irmãos da horda primitiva de Freud, abatido o pai, tomaram a sábia decisão de não tomarem as mulheres do próprio clã para evitar luta fratricida. Macunaíma, infrator do preceito, provoca a luta. Com o intuito de resguardar a dignidade, Jiguê devolve a adúltera Sofará ao pai e escolhe Iriqui por companheira. Macunaíma toma-lhe também esta. Vendendo-se humilhado segunda vez, Jiguê se rende, reconhecendo a superioridade do irmão.

Os insucessos de Jiguê na caça não estão desligados da infidelidade de suas companheiras. Como poderá trabalhar tranqüilo sabendo que a mulher o trai? Está aí a razão provável da abstinência imposta às mulheres de tribos indígenas na ausência dos homens. Macunaíma, ao capturar para a tribo a capivara que Jiguê inutilmente persegue, supera o irmão também no trabalho, sempre amparado pela magia. Inferiorização pelo irmão em tudo, com que títulos assegurar o mando?

Maanape fracassa na única ocasião em que pretende socorrer a tribo castigada pela fome. Abatendo imprudentemente um boto, animal sagrado, agrava os males e atrai o castigo. Resta-lhe, em ocasiões, o papel de conselheiro, reservado aos mais velhos. Dos três, efetivamente, Macunaíma é o melhor. Aspirando ao poder, trata arrogantemente todos os machos, cuspidos-lhes na cara. Os velhos e os antepassados merecem-lhe respeito porque pretende igualá-los em poder. A veneração dos velhos e desprezo dos moços se explica pela lembrança do tempo glorioso anterior ao dos guerreiros de agora, inferiorizados pelos brancos.

O CONFLITO COM A MÃE TAPANHUMAS

Relação conflituosa entre a mãe tapanhumas e Macunaíma madrega na rapsódia. Desprezo e atração erótica compõem enredados no comportamento do filho. Protegendo-se de investidas incestuosas, ela não o

acompanha nos folguedos do mato. Aceita, entretanto, o convite de acompanhá-lo para a outra margem do rio, durante a fome que assola a tribo, lugar paradisíaco, abundante em frutas. O herói realiza, enfim, o desejo de estar a sós com ela, longe do trabalho e das privações. Não consegue, entretanto, cativar as atenções dela. Preocupada com os outros dois filhos, empenha-se em partilhar a fortuna com eles. Macunaíma, reagindo como o chefe da horda primitiva, que não divide o favor das mulheres com ninguém e irritado com o afeto materno, aberto a todos, desfaz o encanto.

A mãe, assustada com o despotismo do filho, leva-o ao deserto, para que, à maneira das plantas raquíticas, não se desenvolva. Negando-lhe o crescimento, veta-lhe o florescimento da sexualidade indisciplinada e temida. Percebem-se, na reação da mãe, resquícios do mito edípico. Na falta de um Laio, ela própria se incumbem da tarefa de eliminar o filho, perigosa ameaça à barra que resguarda o corpo da mãe (FREUD, *ibid.*). Como Édipo, Macunaíma sobrevive e busca deliberadamente o caminho que o devolve ao lar (SÓFOCLES, 1947).

O Curupira barra-lhe os passos à maneira da Esfinge do mito grego. A antropofagia praticada pela figura hedionda aponta-lhe a natureza selvagem, exilada para a periferia do território civilizado dos tapanhumas. Estes, sentindo-se ameaçados, imaginam os limites povoados de monstros. O Curupira, surpreendido com a esperteza do herói, submete-se a uma prova de inteligência. Colocado na fronteira da barbárie e da civilização, sente os dotes do espírito como desafio. Não quer perder a oportunidade de vencer, num jogo arduo, o adversário que cobiça como repasto. Vencendo-o nas artimanhas, Macunaíma salva a vida.

Renascido no deserto, Macunaíma volta a renascer ao escapar dos dentes do Curupira. Já não deve a existência à mãe, que o queria morto. Nas sucessivas vitórias, ele conquista por si mesmo o direito de existir. Como aparição de forças primitivas, como ameaça à existência responsável e adulta, o Curupira se converte em símbolo materno. Macunaíma triunfa sobre a mãe nessa vitória.

A ameaça à vida não se denuncia explícita. Cabe ao herói decifrar as intenções secretas do adversário. O universo, povoado de razões ocultas, se oferece como habitação só àqueles que sabem desvendar os seus mistérios.

Arquitetando oportuna combinação de inteligência e preguiça, Macunaíma foge ao monstro e recebe aprovação consagradora da Cotia, que, pela façanha realizada, o declara adulto, assinalando a maturidade com o batismo de caldo de aipim. O rito de passagem dá forma definitiva ao seu corpo adulto com exceção da cabeça, que, inoportunamente desviada, permanece para sempre infantil (GENEP, 1978). Acidentes dessa natureza assinalam a fragilidade humana desde a antiguidade clássica. Aquiles, tornado invulnerável com um banho sagrado, recebe a morte no único lugar em que a pressão dos dedos que o imergiram impediu o contato da água

maravilhosa (SCHADEWALDT, 1966). Os desatinos futuros de Macunaíma ficam por conta de sua inteligência precoce, mas precária. O herói de nossa gente, com seu corpo avantajado e cabeça de criança, além de simbolizar a melancólica precariedade humana, representa este Brasil gigantesco governado por genialidade em desenvolvimento.

Vencidos os obstáculos, abre-se o caminho ao *lar*. Macunaíma, retornando com o objetivo declarado de matar a mãe, confunde a imagem de Édipo com o braço vingador de Orestes. Nele, o apego à mãe enreda-se com o desprezo. Matando-a, poderá apagar a mancha de origem e imobilizar na morte o corpo que lhe resistiu em vida. A mãe, transformada em veada fugidia e abatida pelo filho, lembra a lenda primitiva em que a morte lhe vem do jaguar (CARVALHO, 1979). Redesperta a natureza felina de Macunaíma que já tínhamos percebido nos amores de Sofará. Na máscara de veada, a mãe provoca desprezo e seduz. Perseguindo-a como caça, Macunaíma revela canibalismo pré-genital, renovando o desejo de procurar a mãe como gratificante fonte de alimento. Atraindo a mãe veada com o veadinho preso, Macunaíma exprime os seus anseios profundos. Desejaria que a mãe o procurasse, como a veada deseja o filho. Atraído por outro e não por ele, a mãe renova o desprezo de sempre, provocando o golpe fatal. Morta e enterrada, a mãe, reintegrada à terra, estende-se passiva a seus pés. O ventre volta a crescer e se transforma em cerro macio, permanentemente oferecido ao contato do filho. A união mãe-terra livra Macunaíma da sedução, apto para enfrentar adultamente o mundo.

CI, MÃE DO MATO

Sob o episódio de Ci fluem outros textos (STAROBINSKI, 1974). Um deles se esboça como *Iracema*. No romance de Alencar, Martim, o guerreiro branco, afastando-se do litoral, dominado pelos potiguares, aliados dos portugueses, perde-se nas terras inimigas dos guaranis. Desorientado, com o sol a pino, dá com a heroína estendida na relva após o banho. Percebendo presença estranha, a virgem instintivamente dispara uma frecha contra o português, ferindo-lhe, de leve, o rosto. O conflito se esboça. A mão de Martim cai sobre a cruz da espada. O símbolo do cristianismo lembra-lhe o respeito que merece a mulher, e o gesto se detém.

Em *Macunaíma*, os três tapanhumas penetram nas terras proibidas das icamiabas, castigados pelo mesmo sol, longe das águas e sedentos. Nenhum princípio ético detém Macunaíma no encontro casual com Ci, a mãe do mato. O que a idealização de José de Alencar converteu em troca de gentilezas progride em batalha feroz na reelaboração de Mário, defendendo-se a mãe do mato da agressão erótica do estranho.

O comportamento sexual de Macunaíma declara-se desregrado desde o princípio. No desejo de possuir todas as mulheres que se

aproximam dele, mostra o desejo de se igualar ao pai, dono exclusivo delas na horda primitiva. Se desrespeitou os contatos proibidos de sua própria tribo, não admira que zombe das tradições que norteiam as icamiabas. Ultraja outras mulheres como o fez com a mãe e as cunhadas. A proibição do incesto, presente, segundo Lévi-Strauss, em todas as comunidades humanas, não pertence às suas normas de conduta (LÉVI-STRAUSS, 1960). A insolência do conquistador, amenizada no retoque idealizante de Alencar, expõe a sua face hedionda no índio criado por Mário de Andrade. Macunaíma, identificando-se parcialmente com a civilização admirada e odiada, comporta-se como agressor de gente merecedora de sua proteção e se converte no grande mau, em apoio a uma das etimologias de seu nome.

A vilania do herói não pára aí. Inferiorizado por Ci em luta limpa, chama os irmãos para detê-lo: “— Me acudam que sinão eu mato!” A vulgarizada expressão foi buscada de situações em que o contendor inferiorizado, para salvaguardar sua dignidade, pede a terceiros que interrompam o conflito. Que o derrotado solicite ajuda para impedir a desgraça do vitorioso ofende a razão. A consciência falsa recorre a essa artimanha para encobrir a fraqueza do inferiorizado. Procedendo assim, Macunaíma cosbe a decifração de sua condição real. O tecido ludibriador do aparente corta o acesso à situação verdadeira, e a vilania, pobremente acobertada, passa a comandar descaradamente os atos do herói.

Socorrido pelos irmãos, a índia se retorce estuprada como milhares de vezes ocorreu na violência da penetração branca, relegados ao continente europeu os princípios com que Alencar adorna Martim. Intriga a participação submissa dos irmãos na ação vil, coerente, entretanto, com o comportamento de todos os subordinados, que, tendo idealizado o líder, depõe a crítica ante a autoridade. Cobrindo fraquezas com ideais, vêem apenas o que gostariam de ver. Repetidas vezes inferiorizados por Macunaíma, enxergam nele o homem que os poderá salvar. Isso compensa todos os sacrifícios. Que outra esperança lhes resta na precária situação em que se encontram? O reconhecimento do erro os poria em face da irremediável visão da ruína.

A submissão acrítica restaura o autoritarismo da horda primitiva. Identificando-se com o ancestral morto, antropofagicamente assimilado, Macunaíma declara todas as mulheres propriedade sua, despreocupado com a angústia dos subordinados. A situação se agrava, sabendo-se que o ancestral é o agressor.

Imperador, o título que orna Macunaíma, foi assimilado da civilização branca. Não será essa a última vez que uma população pobre, perdida na floresta, procurará igualar os dominadores com o brilho do título. A imprensa, não a ficção, apresenta Bocassa imperador de um estado africano, nos agitados anos 70. “Imperador do Mato-Virgem” soa irônico. Encobre a violação que torna o herói protetor de falsa virgindade. Que mato virgem é esse em que até costumes imemoriais são despedaçados pelo

agressor? Dominados por um homem, o império das mulheres solitárias não existe mais. O novo imperador do mato virgem é caricatura de governo. Simboliza os chefes autoritários da América Latina, em que direitos são vergonhosamente desprezados.

Segundo informação de Cavalcanti Proença, Ci, antropônimo criado por Mário de Andrade, forja-se no modelo de nomes como Jaci, a lua, Coaraci, o sol, colocando a mãe do mato na categoria das divindades originárias. Ci requer a honra que se confere às mães das águas, à mãe dos animais e à mãe das plantas. O ato pervertido de Macunaíma contamina incestuosamente as origens. Humilhada e aviltada, Ci torna-se mulher lasciva. É a imagem que os conquistadores têm das nativas, desfiguradas pela conquista. Escrúpulos morais levam Mário a suprimir páginas de contatos exóticos usuais na Amazônia, baseado em informações de rapazes do Norte. O que Mário retirou poderia perfeitamente figurar no episódio sem prejudicá-lo. A expressão amenizada não remove a mácula do ato.

O comportamento edípico que Macunaíma revela em companhia da mãe renova-se aqui. Atraído pela mãe do mato, metonímia da mãe legítima, Macunaíma esquece a bela Iriqui. O retorno às origens é completado pelo lugar que o casal escolhe para morar nos cerros da Venezuela, paradisíaco até nos nomes: cidade das Flores, salto da Felicidade, estrada dos Prazeres, capão de Meu Bem. Seduzido pela mãe, Macunaíma não marcha para o futuro. Sem raízes em São Paulo, retorna à aldeia natal, logo que se desincumbe da tarefa proposta. O edipismo de Macunaíma provoca lenta e gradativa deterioração, acentuada nos capítulos finais, similar à peste atraída pelo Édipo sofocleano.

Na companhia de Ci, Macunaíma se beneficia dos mecanismos de defesa elaborados pela companhia. Enquanto vivia só, satisfeita consigo mesma, nada faltava a Ci, plena de glória e de poder. Dominada por Macunaíma — não importam os meios — o poder se transfere para o dominador e é nele que Ci passa a amá-lo. Apega-se sofregamente a ele, pois unida a ele, participa do poder que tanto deseja e que lhe foi tomado.

A visita das pastoras, trazidas das festas natalinas do Nordeste, e os presentes oferecidos ao filho da Mãe do Mato erguem a protagonista à categoria da Virgem Mãe de Jesus. A identificação da protetora das selvas com Maria tem precedente na religiosidade popular no México, onde a Virgem Morena, Nossa Senhora de Guadalupe, ostenta os título de Rainha do México, Imperatriz da América. Entretanto, ao contrário de Jesus, o filho de Macunaíma e de Ci, morre no berço, sem operar a redenção.

E lá se vai mais essa esperança. Como outras aparições messiânicas em vários pontos do país: Padre Cícero, Antônio Conselheiro, José Maria, Getúlio Vargas... Sobre o túmulo do filho de Ci, nasceu uma plantinha, o guaraná. Os redentores morrem, mas não o sonho da redenção.

E morre Ci. Como Iracema, a icamiaba converte-se em símbolo da terra agredida. Cansada de viver e de sofrer, Ci busca as alturas estreladas

do céu, onde se eternizam anseios. O céu se enriquece com mais uma estrela. E o Brasil? Para o Brasil, dominado pelas formigas, não há redenção.

Ci não resiste à dominação falocrática. O sexo, que deveria transmitir a vida, trouxe a morte. A morte vem para libertá-la. Transformada em estrela, readquire o perdido poder e brilha no céu como rainha. Aí a relação se inverte. Ci, glorificada, levou consigo o prazer, a felicidade paradisíaca, o poder que apaga os males. Longe dela, Macunaíma desespera nos braços do irmão como uma criança.

Fica-lhe a muiraquitã, lembrança e amuleto, que arrasta o herói a soberbas aventuras.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, José. *Iracema*. [1865]. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.
- ANDRADE, Mario de. [1928]. *Macunaíma*. São Paulo, Martins, 1965.
- BEYE, Charles Rowan. *The Iliad, the Odyssey, and the Heroic Tradition*. London, Macmillan, 1968.
- CAMPOS, Haroldo de. *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- CARVALHO, Silvia Maria S. de. *Jurupari: estudos de mitologia brasileira*. São Paulo, Ática, 1979.
- CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s.d.
- FREITAS, Décio. *Escravos e senhores de escravos*. Caxias do Sul, UCS-EST, 1977.
- FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. Traduzido por Magalhães de Freitas, Isaac Izecksohn et alii. Rio de Janeiro, Delta, s.d. V. 7.
- _____. Psicologia das massas e análise do eu. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. Traduzido por Magalhães de Freitas, Isaac Izecksohn et alii. Rio de Janeiro, Delta, s.d. V. 6.
- GENEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. 3. ed. São Paulo, Pioneira, 1977.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Las estructuras elementales del parentesco*. Traduzido para o espanhol por Marie Therèse Cevasco. Buenos Aires, Paidós, 1960.
- LOPES NETO, João Simões. [1926]. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Porto Alegre, Globo, 1949.
- PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma*. São Paulo, Anhembi, 1955.

- PROPP, Wladimir. *Morphologie des Maerchens*. Traduzido para o alemão por Christel Wendt. Munique, Carl Hanser Verlag, 1972.
- SÓFOCLES. *Théâtre de Sophocle*. Paris, Garnier, 1947.
- SCHADEWALDT, Wolfgang. *Iliasstudien*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1966.
- STAROBINSKI, Jean. *As palavras sob as palavras*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- VERÍSSIMO, Érico. *México*. Porto Alegre, Globo, 1972.